

Na escola alguém supõe que te ensinaram a rezar

Ana Carolina Guimarães Seffrin

“Os ianomânis apanhavam os cupins na boca dos ninhos e os comiam, para deles receber notícias dos parentes mortos. Os cupins eram compassivos e ao descer pela goela dos homens lhes diziam frases de consolo: *Não chorem, fiquem em paz. As almas continuam vivas. Todas em silêncio e de olhos abertos.*”

No céu das harmonias, toda imobilidade era movimento e toda felicidade nascia da perdição.
Só quem se perdia se encontrava.

(Tomás Eloy Martínez)

Há algum tempo atrás você leu num livro chamado “Kafka à beira mar”, de Haruki Murakami, uma fala que ficou presa na sua mente, como o canino de um cão na carne dilacerada. *Observe direito os pássaros nos dias de ventania. Eu os observo pela janela constantemente. Não lhe parece que esse tipo de vida seja cansativo? Quero dizer, o tipo de vida que o obriga a balançar a cabeça de acordo com o movimento dos galhos? Cada uma dessas letras ficou acorrentada nos confins do seu raciocínio e você sente esses vocábulos esbofetearem seu rosto, principalmente nas segundas-feiras, quando o deprimente e tedioso domingo acaba e tudo recomeça no dia seguinte.*

Você caminha rumo à escola na segunda, terça, quarta, quinta e sexta. Nos sábados o tempo torna-se mais livre, mas ainda assim se trataria de uma liberdade restrita, muito melhor, evidentemente, do que a falta de liberdade daqueles que estão atrás das grades. Você é jovem, aluno quase exemplar, tem um resquício de barba malfeita, o cabelo desgrenhado, uma franja torturante a definir a face, o aro prateado dos óculos sem hastes que prendam as lentes e têm o costume de caminhar com o passo apressado, como se estivesse a fugir de algum monstro ou coisa que o valha. Às vezes também fala apressadamente, como se quisesse engolir as próprias palavras, porque, no fundo, não deseja falar. Sua vida se resume aos livros e prenciar isso

significa prenciar que seu futuro será igual. A diferença é a de que, sua biografia, até agora, nunca foi tema de nenhum livro ou interesse de algum escritor.

Isso te faz pensar como, diabos, escritores sofrem de crises de criatividade com milhões e milhões de pessoas vivendo na face da terra e milhões de vidas e histórias para serem contadas. Talvez seja uma questão de conhecimento. De conhecer a língua dos humanos e ser capaz de traduzir os dilemas existenciais alheios. Traduzir com palavras. Mas você não deveria criticar escritores de literatura; você mesmo conhece muitas pessoas que poderiam ser assunto de livro e, mesmo assim, sente-se incapaz de descrever, com o dom da palavra e verbalização, cada vida humana que pôde observar. Isso não te faz melhor ou pior do que ninguém. Faz-te simplesmente igual a milhões de pessoas que vivem suas vidas obrigadas a balançar a cabeça de acordo com o movimento dos galhos.

De algum modo premonitório você é suficientemente jovem para não ter a necessidade frenética de ter que pensar reiteradamente a respeito do futuro, mas ainda assim você pensa, como se o próprio destino fosse uma condenação. Se, em parte, você se imagina físico e astrônomo, de outra forma sabe que os números lhe complementam apenas no parcial e seria melhor ficar no satélite das palavras, no planeta da História, das Grandes Narrativas, talvez a sociologia, quem sabe a ciência política. Você se preocupa com a vida dos outros e quase nada com a própria. Faz trabalho voluntário numa clínica para idosos uma vez por semana. Você escuta uma senhora de aproximadamente oitenta anos, uma mulher que caminha com dificuldades, uma velha senhora com os cabelos totalmente brancos e rugas, o reflexo de raios solares predadores, essa exaustiva vida Severina, traços que marcam uma existência difícil e trabalhosa, muito mais do que a sua, sem dúvidas, a sua vida de eterno reclamante, a vida de alguém que não tem as preocupações cotidianas, senão aquela maior, com o próprio futuro, você escuta uma senhora de aproximadamente oitenta anos chamada Emília a contar sobre como chegou naquele asilo, carregada por parentes que, sem nenhum resquício de dúvida, sentiram nela um fardo pesado demais para manter perto – não é você quem chega a essa conclusão, mas ela mesma, que te diz palavras que te parecem pesadas demais, fortes demais, melancólicas demais, mas pensar isso é um

problema unicamente seu, porque você não quer ter de pensar e ecoar os fatos na cabeça, transformando essa visita em motivo de tristeza. Essa senhora gosta dos sábados festivos, de tomar chá e de comer biscoitos caseiros. Gosta de fotos. Você observa as poucas que ela possui guardadas. Uma de quando era jovem: um projeto de mulher, garota bonita e atraente, é isso que pensa, e você diz para Emília que ela era linda e atraente, porque sabe que isso é mais importante de tudo, lembrá-la da beleza que carregou consigo mesma, você pensa que no futuro vai desejar que algum jovem diga-lhe isso, mas pede a si mesmo que esse jovem seja um pouco mais convincente. Ela tem outras três fotos. Mas você quer carregar, na memória, a foto da primeira: a mulher que um dia foi e a mulher que agora é. O que dia você foi e o que você agora é.

No ônibus de retorno para casa, após a visita de cada sexta de asilo, você prefere sentar-se nos últimos bancos, como se abandonado pelo tempo quando, em verdade, o tempo parece ter abandonado Emília, mas não apenas Emília, senão todas as outras pessoas que vivem naquela clínica. O tempo que abandona homens e mulheres como se fossem ratos e esses animais a correrem o mundo de perigos para sobreviver, unicamente pela sobrevivência. Você pensa consigo nos pormenores da alegria: toda sexta Emília lhe esperava ansiosamente, porque teria alguém para conversar, alguém para ouvi-la. Você pondera em como seria duro, no futuro, não ter ninguém ao seu lado para ouvi-lo. Pensa na dificuldade para adaptar-se aos hábitos dos outros. Pensa que nunca terá alguém ao seu lado, porque você é um eterno reclamante e crítico dos hábitos alheios.

No tedioso e inebriante domingo, como um espírito cego e suscetível às palavras dos outros, você vai à igreja, cedo, pela manhã, antes da missa começar. O vento percorre seu rosto, balança suas franjas e te faz tremer de frio. Frio. Você odeia essa palavra. Enquanto está a temer as condições climáticas, enquanto isso tudo ocorre, debaixo da ponte de acesso à avenida principal, você observa crianças correrem sem calçados, sujas e maltrapilhas, homens e mulheres a dormirem sobre cobertores sórdidos e que parecem pouco ou nada esquentar, você observa tudo isso, detalhadamente, desejando fotografar no seu imaginário e a dor sobe pelo seu pescoço e a garganta fica presa, como um alimento mal digerido, você sente os efeitos de uma vida dura e difícil, mas você não sente exatamente, você apenas imagina, porque quem

sente, de verdade, são aquelas pessoas. Você é tão somente um observador a tentar descrever a dura, crua e nua realidade que circunda. Você não sente absolutamente nada perto dos outros.

Na igreja, alguém toca o piano, antes da missa. Parece ser Chopin ou Debussy. Na igreja toca-se algo digno, não aquela geometria de músicas de lamentações, fruição e alegria tão típicas de músicas do apostolado e que dizem como a vida deveria ser e não como ela, de fato, é. Sente-se coagido, incapaz de rezar e agradecer aos deuses dos outros, ao Deus do outro. Quando o padre começa a missa, sente-se sufocado e amarrado, e agora sabe a razão: não há nada mais lúdico do que fazer as pessoas acreditarem na própria fragilidade.

Você queria ter a capacidade de traduzir as dores dos outros, mas não consegue, tampouco se sente inferior por não reconhecer as intempéries de toda e qualquer alma; e você tem pouca idade para atormentar-se tanto com o escuro e sombrio paraíso disso que se chama vida. Mas se atormenta. Sente-se suscetível às piores tragédias, incapaz.

Hoje, segunda-feira, você pensa que a sua débil criatividade deixa tanto a desejar que não ocorrera outra opção senão escrever sobre si mesmo, porque ninguém mais te descreveria melhor. No mesmo instante, uma dúvida surge na mente: como serão os dias seguintes? No momento você escuta uma música, a música deprimente do piano, esse fiel aliado que nunca te abandona, o piano ou as teclas dele mesmo a rasgar as veias que correm nos confins de sua massa encefálica.

Ana Carolina Guimarães Seffrin é graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria. É Mestre em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, Rio Grande do Sul. É integrante do Grupo de Estudos sobre Transições Políticas, coordenado pelo Prof. Dr. Jose Carlos Moreira Filho, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É pesquisadora na área de Direitos Humanos e Direito Internacional Público. No atual e presente momento tem vinte e cinco anos. É também poeta, praxista da prosa, leitora de literatura, leitora voraz de literatura, é uma apreciadora da sétima arte, aquela que se chama cinematográfica, é fotógrafa e viajante itinerante. Já morou em Buenos Aires e é uma eterna apaixonada pela capital porteña. Aspira muitas coisas na vida, como descer cascatas e mergulhar até o seu fundo, gosta da sensação de estar sobre uma prancha de surfe, e, como disse Fernando Pessoa usando-se do nome de Álvaro de Campos, sabe que, “à parte isso, tem em si todos os sonhos do mundo”. Ou carrega consigo todos os sonhos do mesmo. Dá ou resulta no mesmo.